

## O RACISMO COTIDIANO E OS MECANISMOS CORPÓREOS DA MICROVIOLÊNCIA RACIAL

Sofia Maria Carmo Nicolau<sup>1</sup>  
sofiacarmo56@gmail.com

**RESUMO:** *O presente artigo busca, partindo das especificidades sócio históricas que caracterizam o racismo brasileiro, compreender o papel do corpo no racismo cotidiano. Pretende-se, a partir disso, abordar a constituição do corpo negro como ligado à significados negativos, e como esses significados criam uma relação imaginária com o corpo negro que é materializada nas interações sociais. Por fim, objetiva-se abordar os mecanismos corporais do racismo, as formas pelas quais o tornar-se racista é um processo corporificado, assim como a manifestação do racismo cotidiano se dá pelo corpo.*

**Palavras Chaves:** *Corpo, racismo, vida cotidiana, interações sociais.*

**ABSTRACT:** *This paper seeks to understand the role of the body in everyday racism, starting from the socio-historical specificities that characterize Brazilian racism. It is intended to approach the constitution of the black body as linked to negative meanings and how these meanings create an imaginary relationship with the black body that is materialized in social interactions. Finally, it addresses the body's mechanisms of racism and the ways in which becoming racist is an embodied process, as well as the manifestation of everyday racism through the body.*

**Keywords:** *Body, racism, everyday life, social interactions.*

<sup>1</sup> Graduanda em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG. Participa do Centro de Estudos Urbanos (CEURB) e atua no Grupo de Estudos Filosofia, Direito e Poder (GFDP).

## INTRODUÇÃO

Com a emergência teórica dos estudos sobre o racismo, enquadramentos estruturalistas, ideológicos e individualistas disputam um lugar de centralidade e causalidade em relação ao racismo, como aponta Luiz Augusto Campos (2017). Muitas vezes, isso implica em uma forma reducionista de compreender algumas manifestações de racismo, uma vez que, ao centralizar determinada abordagem de maneira isolada de outra, alguns de seus aspectos são negligenciados. Sendo assim, é importante compreender o racismo como um fenômeno que abarca uma série de mecanismos, desenvolvendo, no decorrer do processo histórico, diferentes faces em cada contexto social em que a ideia de raça foi alicerçada como forma de classificação social.

Isto posto, o presente trabalho busca compreender o racismo em sua dimensão cotidiana, não como campo primário ou central, mas como uma das formas pelas quais o racismo media a totalidade das relações sociais no Brasil. Em um primeiro momento, aciono uma bibliografia prévia sobre os contornos do racismo no Brasil, valendo-me, sobretudo, das contribuições de Gonzalez (1988) e Nascimento (1978). Posteriormente, dialogando autores como Goffman (2004), Mbembe (2014), Le Breton (2012) e Nogueira (1998), explano sobre o racismo cotidiano como um ato de objetificação do corpo negro, e das imagens criadas sobre este. Por fim, atendo-me ao processo de tornar-se racista e aos mecanismos de manifestação do racismo como processos corporificados, utilizando Mauss (2014) e a noção de habitus branco desenvolvida por Eduardo Bonilha (2020).

## O RACISMO NO BRASIL

A partir da proposição de compreender os mecanismos do racismo na vida cotidiana, dois apontamentos se mostram relevantes para o trabalho. Em primeiro lugar, a compreensão do racismo como um fenômeno sócio-histórico, isto é, os processos pelos quais o racismo se manifesta estão ligados à sociedade em que está inserido, sendo importante compreender como o racismo e as dinâmicas raciais estruturam as relações sociais nessa sociedade. Em segundo lugar e analogamente, em uma sociedade racializada são inúmeros os campos das relações sociais mediados pela raça e conseqüentemente pelo racismo, assim como são diversas suas formas de manifestação. Neste trabalho, dedico-me à dimensão cotidiana e, portanto, interpessoal do racismo na sociedade brasileira.

Ater-se às manifestações microssociais do racismo não implica em reduzir sua importância ou seus efeitos e sim, auxilia na delimitação dos contornos do racismo no Brasil. Em consonância com Candace Clark (1997), compreendo que explorar os aspectos microssociais pode revelar a relação entre os processos micro e macrossociais. Assim, explorar a microviolência racial, as formas estreitas e pouco visíveis do racismo, abre a possibilidade de enxergar os processos pelos quais o racismo, como intrínseco à estrutura social brasileira, emerge também das dinâmicas e relações cotidianas. É propriamente o corpo que fornece essa mediação entre as esferas, uma vez que as normas e valores sociais são incorporados pelos indivíduos.

Lélia Gonzalez, em seu texto “A categoria político-cultural da amefricanidade” (2020), defende a importância de compreendermos os processos histórico-culturais dos países colonizados, com destaque para a forma como o racismo neles se manifesta. A antropóloga distingue o racismo aberto do racismo disfarçado. Atenho-me aqui, ao segundo tipo de racismo, característico das sociedades latinas sob a colonização dos países ibéricos. Esse tipo de racismo, disfarçado ou por abnegação, é marcado pela democracia racial.

“Como todo mito, o da democracia racial oculta além daquilo que mostra.” (GONZALEZ, 2020, p.80) O que é ocultado pela democracia racial no Brasil e pela forma com que esta foi incorporada no racismo brasileiro, envolve demonstrar que, entre as brechas das interações falaciosamente compreendidas como harmoniosas, operam agressões sutis e nem por isso, menos violentas. O Movimento Negro Unificado (MNU) e os movimentos negros, tiveram e ainda têm um papel central no processo de desnudar os efeitos da democracia racial no Brasil e expor que, como em qualquer outra sociedade que sofre com os efeitos da colonização e seu suporte; a racialização, o Brasil é constituído pelo racismo. Ainda assim, o projeto de ocultação e invisibilização do racismo no Brasil perdura.

Nesse sentido, Abdias do Nascimento (1978), ao fazer uma crítica às ideias de assimilação racial que resultam em ideologias de embranquecimento, compreende a centralidade da democracia racial como uma ficção ideológica que produz efeitos nas relações raciais no Brasil:

Devemos compreender "democracia racial" como significado a metáfora perfeita para designar o racismo estilo brasileiro: não tão óbvio como o racismo dos Estados Unidos e nem legalizado qual o apartheid da África do Sul, mas eficazmente institucionalizado nos níveis oficiais de governo assim como difuso no tecido social, psicológico, econômico, político e cultural da sociedade do país. (NASCIMENTO, 1978, p.93)

A capilarização da democracia racial no tecido social se deu tal forma que sofisticou o racismo brasileiro tornando-o mais sutil, engendrando uma forma de manifestação silenciosa, porém intrínseca às relações sociais. Essa face que toma o racismo no Brasil é importante para compreender como ele é apreendido e reproduzido na vida cotidiana.

A partir disso, o racismo brasileiro pode ser compreendido, em sua dimensão interpessoal, como uma micro agressão, isto é, uma forma de agressão sutil, verbal ou não verbal, consciente ou não contra grupos minoritários, sendo uma forma perversa de agressão que se apresenta cotidianamente nas interações sociais (SUE, D. W. et al, 2007). Isto posto, introduzo o corpo como central para se pensar a dimensão cotidiana do racismo, isto porque é através da corporeidade que as interações sociais se concretizam. Assim, é a partir das dinâmicas corporais que o racismo cotidiano se perpetua.

## AS DINÂMICAS CORPORAIS NO RACISMO COTIDIANO

Grada Kilomba (2019) entende que a tendência a compreender o racismo como “algo na superfície” reforça a ideia de que o racismo é algo na estrutura das relações e não estruturante dessas. Para a autora, o racismo não é algo que está nas margens, e sim no centro da vida social e política. Assim, compreendendo o racismo como “normal” e intrínseco a todas as relações sociais (ALMEIDA, 2019), sua dimensão interpessoal e, portanto, cotidiana da vida social é também mediada e estruturada pelas dinâmicas do racismo.

Para Kilomba, o racismo cotidiano representa o aspecto sistemático da violência racial na vida dos sujeitos negros, sendo uma reencenação das experiências coloniais, num processo de continuidade de determinadas relações da colonização:

O termo "cotidiano" refere-se ao fato de que essas experiências não são pontuais. O racismo cotidiano não é um "ataque único" ou um evento discreto, mas sim uma "constelação de experiências de vida", uma "exposição constante ao perigo", um "padrão contínuo de abuso" que se repete incessantemente ao longo da biografia de alguém - no ônibus, no supermercado, em uma festa, no jantar, na família. (KILOMBA, 2019, p.80)

Esse caráter sistemático do racismo é importante para compreendê-lo dentro de um campo mais amplo. Isto porque o racismo cotidiano é um fenômeno social, não individual. Ou seja, a manifestação do racismo na vida cotidiana possui um caráter sistemático, contínuo e esse caráter estabelece uma conexão entre as relações interpessoais e a dimensão estrutural do racismo, exatamente devido a não ocasionalidade de suas manifestações, como apontadas pela autora.

A partir disso, é possível estabelecer a centralidade do corpo nas relações interpessoais, isto porque o corpo é, a partir do contexto histórico-social que os sujeitos se localizam, o seu meio de apreensão/incorporação das estruturas sociais e sistemas culturais, sendo “resultado” de construções sociais e culturais (NOGUEIRA, 1998). O processo de socialização se dá pelo corpo, pelas interações sociais, pelas relações com os outros, portanto, a apreensão dos valores sociais de uma determinada sociedade é um processo corporificado. O mesmo processo se dá com o racismo.

Goffman, em sua obra “Estigmas: Notas sobre a manipulação da identidade deteriorada” (2004), compreende o estigma como características, sinais corporais de pessoas e grupos, usualmente sob caráter depreciativo. Em vista disso, o autor centraliza os contatos mistos, isto é, entre “normais” e estigmatizados, dentro de uma determinada situação social que requer a presença face a face de ambos. Nesse sentido, o sociólogo canadense explana sobre as informações sociais, informações já presentes em uma dada sociedade sobre um signo corporificado. Segundo Goffman (2004, p. 39): “Essa informação, assim como o signo que a transmite, é reflexiva e corporificada, ou seja, é transmitida pela

própria pessoa a quem se refere, através da expressão corporal na presença imediata daqueles que a recebem”.

Assim, o corpo negro e os signos transmitidos por ele durante uma interação social podem ser compreendidos como um estigma, isto porque a mensagem social passada pelo corpo que passou por processo de racialização é uma mensagem que pressupõe a marca da exclusão, da inferioridade, daquilo que é indesejável, como aponta Isildinha Nogueira em sua tese “Significações do corpo negro” (1998).

A partir disso, é importante compreender o processo pelo qual esses corpos se tornam corpos estigmatizados, isto é, os processos pelos quais esses corpos são racializados e determinados significados sociais lhes são atribuídos. Para isso, aciono Mbembe (2014) para compreender o conjunto de narrativas articuladas para a legitimação da violência colonial, a partir da invenção da raça. Para o filósofo camaronês, a raça é uma forma de afirmar poder, operando enquanto uma imagem, uma fantasmagoria, sendo atribuído a esses sujeitos o rosto daquilo que é negativo, o resto, o vazio, a representação da noite do mundo:

O trabalho do racismo consiste em relegá-lo ao segundo plano ou cobri-lo com um véu. No lugar desse rosto, faz-se emergir das profundezas da imaginação um rosto de fantasia, um simulacro de rosto e uma silhueta que, desse modo, tomam o lugar de um corpo e um rosto humano. O racismo consiste, pois, em substituir aquilo que é por algo diferente, uma realidade diferente. Além de uma força de deturpação do real e de um fixador de afetos, é também uma forma de distúrbio psíquico, e é por isso que o conteúdo recalcado volta brutalmente à superfície. (MBEMBE, 2014, p. 69)

Analogamente, Le Breton (2012) compreende o corpo como uma estrutura simbólica, ou seja, o corpo está inserido em uma rede de significações sociais, representações e imaginários que modificam de uma sociedade para outra. Isto posto, o sociólogo, ao explicar sobre o racismo, afirma que este envolve uma relação imaginária com o corpo:

O racismo é derivado do imaginário do corpo. A “raça” é uma espécie de clone gigantesco que, na imaginação do racismo, faz de cada um dos membros fictícios que a compõem um eco incansavelmente repetido. A história individual, a cultural e a diferença são neutralizadas, apagadas, em prol do imaginado corpo coletivo, subsumido sob o nome de raça. (LE BRETON, 2012, p.72)

Sob essa relação imaginária com o corpo e seus processos de formulação e racialização, o corpo negro assume o lugar de materialização da ficção racial. É sob este prisma que o racismo cotidiano se constitui como o ato de objetificação sistemática do corpo negro, de perpetuação do simulacro construído sob a ideia de negro, e conseqüentemente, da perpetuação da estrutura imaginária do corpo negro. Em outras palavras, a cena do racismo cotidiano, como denominada por Kilomba (2019), é um momento em que as infomações e imagens atribuídas ao corpo negro criam materialidade através racismo, e esse ato, analogamente, perpetua as ficções criadas sobre os negros.

A raça, apesar de compreendida, nas últimas décadas, como um constructo social, sempre traz consigo as formulações biológicas que a constituíram e estabeleceram as posições hierárquicas que hoje, sob sua faceta cultural, permanece exercendo o mesmo poder de distinção. Ou seja, “Embora a raça não exista biologicamente, isto é insuficiente para fazer desaparecer as categorias mentais que a sustentam.” (MUNANGA, 2004, p.10). E o corpo aparece como espaço de demarcação da persistência da categoria racial, como a fronteira entre o imaginário que perpetua as categorias raciais, e as interações sociais.

Na vida cotidiana, os signos apreendidos sobre o corpo negro, durante uma determinada interação social, remetem à estrutura imaginária criada sobre esse corpo. Assim, a dinâmica social que se sucede no curso de uma interação entre sujeitos racializados é mediada pelas apreensões desses sujeitos sobre os signos corporais. Essas interações acontecem sob a mediação do que Du Bois (2021) chama de “véu”, um véu da raça, que se instala sobre o corpo negro e sob o olhar branco, a partir de um eixo de separação racial. Portanto, o olhar e o corpo branco se constituem e se relacionam a partir das relações sob o véu da raça. E é também pelo corpo que esses sujeitos apreendem, reproduzem e manifestam o racismo.

## TORNA-SE RACISTA

Schuman, em sua tese “Entre o encardido, o branco e o branquíssimo” (2012), faz uma retomada dos estudos pioneiros para a articulação de um campo de estudos sobre a branquitude. A autora compreende a branquitude como um lugar social, construído através de processos sócio-históricos e atravessado por outros eixos sociais. Essa posição social da branquitude implica privilégios sistemáticos para os que a ocupam, sendo, portanto, um “constructo ideológico de poder”:

Ou seja, é preciso pensar o poder da branquitude como princípio da circularidade ou transitoriedade (Foucault, 1999), compreendendo-o como uma rede na qual os sujeitos brancos estão conscientes ou inconscientemente exercendo-o em seu cotidiano por meio de pequenas técnicas, procedimentos, fenômenos e mecanismos que constituem efeitos específicos e locais de desigualdades raciais. Pensar o poder da identidade racial branca dessa maneira também tem o intuito de retirar o olhar que aponta o racismo para cada sujeito em particular e recolocá-lo para o entendimento de estruturas de poder sociais com particularidades de cada sociedade em questão. (SCHUCMAN, 2012, p. 23)

Essa identidade racial branca, elaborada por Schuman, é uma identidade que se constitui em relação. Assim, o tornar-se negro e o tornar-se branco estão intimamente ligados, sendo ambos atravessados por relações de poder. A relação de alteridade é importante porque essas oposições hierárquicas colocam os sujeitos racializados em locais sociais distintos, constituindo-os em relações de superioridade e inferioridade.

Isto posto, as interações sociais entre os sujeitos se apresentam como um campo de apreensão desses lugares sociais estabelecidos pela racialidade. Ou seja, são nas interações sociais, na relação com o outro, que estes sujeitos se tornam racializados e sob a mesma égide, que os sujeitos apreendem a gama de discursos sobre o racismo. O corpo se apresenta, nesse sentido, como meio de apreensão do racismo, exatamente porque o processo de se tornar racista envolve as formas de incorporação desses lugares sociais, de estabelecimento de determinadas identidades que se articulam nas relações interpessoais.

É nesse sentido que Eduardo Bonilla (2020) apresenta a noção de “habitus branco”, isto é, “um processo de socialização racializado e ininterrupto que condiciona e cria o gosto racial, as percepções, os sentimentos e as emoções dos brancos e suas opiniões sobre questões raciais” (BONILLA, 2020, p.213). Assim, o processo de socialização da branquitude é um processo de incorporação dos valores sociais enquanto grupo em uma posição hierárquica, na oposição entre negro e branco. É importante ressaltar que essa socialização é perpassada por outros marcadores sociais e eixos de opressão que também mediam as relações sociais. Entretanto, o lugar de privilégio material e simbólico da branquitude é um lugar distintivo nas relações raciais.

O conceito de Habitus branco de Bonilla (2020) nos é interessante para compreender como o processo de socialização da branquitude é distintivo em sua forma de se relacionar com o mundo e com os outros. A partir disso, o corpo branco se apresenta como esse meio de comunicação com o mundo, mediada pela percepção adquiridas em seus processos de racialização.

Frente ao exposto, Mauss, em seu texto “As técnicas do corpo” (2003), compreende que o indivíduo assimila os movimentos e atos que são efetuados em sua presença, assim, tanto a criança como o adulto imitam atos bem-sucedidos realizados por pessoas que têm autoridade sobre elas. Esses atos e modos de agir são técnicas, mais precisamente técnicas do corpo.

A proposição de Mauss (2003) é importante para compreender o racismo como técnica do corpo da branquitude em seus processos de socialização, técnicas estas apreendidas nas relações entre os corpos racializados. Dessa forma, o processo de tornar-se racista e de manifestar o racismo se dá pelo corpo. Assim, o racismo cotidiano consiste em empregar técnicas corporais num processo de perpetuação da hierarquização entre sujeitos racializados. Estas técnicas são acionadas no momento da interação, momento este em que as imagens reificadas do corpo negro são acionadas. O corpo negro é visto sob a lente do racismo e é esse corpo que será o alvo dessas técnicas corporais.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo cotidiano e sua dinâmica sistemática de reproduzir as imagens que fabrica, depende da conservação do imaginário sobre o corpo negro e todas as invenções que o acompanham. A interação face a face se constitui, dessa maneira, como um campo importante no entendimento das dinâmicas de apreensão e perpetuação do racismo, porque se apresenta como a fronteira entre a ficção e vida material, num espaço em que ambas se confundem e os efeitos da racialidade mostram-se eficazes. Nesse sentido, repensar os significados e lugares sociais apreendidos pela racialização pode ser um passo no caminho de dissolver a forma com que esta ocupa um lugar de centralidade nas dinâmicas sociais. Parte desse processo envolve repensar o papel dos corpos racializados e compreender como os mecanismos corporais são centrais na compreensão do racismo brasileiro.

Assim como a democracia racial, a ideia de raça biológica é imbricada ao racismo. Isso faz com que teóricos contemporâneos precisem deixar claro do que se trata quando se fala de raça, uma construção social que gera efeitos concretos. Permanece, entretanto, uma incrível persistência das categorias biológicas de serem infiltradas no léxico da raça. Assim, o corpo precisa estar presente no entendimento do racismo, não porque carrega consigo alguma significação biológica, mas porque as construções sociais que perpassam a racialização e que implicam na inferiorização, têm tido o corpo como objeto privilegiado.

Expor as facetas do racismo, explorar seus meandros e seus impactos na vida social, tem sido parte fundamental da luta antirracista. É necessário, cada vez mais, compreender os interstícios nos quais o racismo opera, como forma de identificá-lo e projetar caminhos para sua erradicação. Portanto, é importante abarcar diferentes esferas da vida social na compreensão do racismo e a corporalidade precisa ser inserida como parte constitutiva dos esforços para desfazer o arranjo de poder que permeia a racialidade no Brasil.

## REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Sílvio Luiz de. Racismo estrutural. São Paulo: Sueli Carneiro; Pólen, 2019.

BONILLA-SILVA, Eduardo. Racismo sem racistas: O racismo da cegueira de cor e a persistência da desigualdade na América. São Paulo: Perspectiva, 2020.

CAMPOS, Luiz Augusto. RACISMO EM TRÊS DIMENSÕES: Uma abordagem realista - crítica. Revista Brasileira de Ciências Sociais, São Paulo, v. 32, n. 95, 2017

CLARK, Candace. "Sympathy, Micro Hierarchy and Micropolitics" in *Misery and company: sympathy in everyday life*. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1997].

DU BOIS, W.E.B. *As almas do povo negro*. São Paulo: Veneta, 2021.

GOFFMAN, Erving. *Estigma: Notas sobre a Manipulação da Identidade Deteriorada*. Rio de Janeiro: LTC, 2004.

GONZALEZ, Lélia. A categoria político-cultural da amefricanidade. In. RIOS, Flávia. LIMA, Márcia. (org.) *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

\_\_\_\_\_. Racismo e sexismo na cultura brasileira. In. RIOS, Flávia. LIMA, Márcia. (org.) *Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

KILOMBA, Grada. *Memórias da Plantação. Episódios de Racismo Cotidiano*, Rio de Janeiro, Cobogó, 2019.

LE BRETON, David. *Sociologia do corpo*. Petrópolis: Vozes, 2012.

MAUSS, Marcel. As técnicas do corpo. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac & Naify, 2003. p. 399-422.

MBEMBE, Achille. *Crítica da razão negra*. 1ª Edição. Antígona. Portugal, 2014. .

MUNANGA, Kabengele. Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia. In: *Programa de educação sobre o negro na sociedade brasileira*[S.l: s.n.], 2004.

NASCIMENTO, Abdias. *O genocídio do negro brasileiro processo de um racismo mascarado: processo de um racismo mascarado*. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1978.

NOGUEIRA, Isildinha Baptista. (1998). *Significações do Corpo Negro*. Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo.

SCHUCMAN, Lia Vainer. *Entre o “encardido”, o “branco” e o “branquíssimo”: Raça, hierarquia e poder na construção da branquitude paulistana*. São Paulo: Doutorado em Psicologia. Universidade de São Paulo, 2012.

SUE, D. W., Capodilupo, C. M., Torino, G. C., Bucceri, J. M., Holder, A. M. B., Nadal, K. L., & Esquilin, M. Racial microaggressions in everyday life: Implications for clinical practice. *American Psychologist*, 2007. 62(4), 271–286.